

ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
ESCOLA MARECHAL CASTELLO BRANCO

Maj Inf FERNANDO CESAR DE SOUZA JUNIOR

Cabos estratégicos nas Operações de Convergência:

A formação dos comandantes das pequenas frações no
combate moderno



Rio de Janeiro

2024

Maj Inf FERNANDO CESAR DE **SOUZA JUNIOR**

Cabos estratégicos nas Operações de Convergência:
A formação dos comandantes das pequenas frações no
combate moderno

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Escola de Comando e
Estado-Maior do Exército, como requisito
parcial para a obtenção do título de
Especialista em Ciências Militares, com
ênfase em Defesa Nacional.

Orientador: Maj Inf THIAGO MONTES **GABRI**

Rio de Janeiro

2024

S729c

Souza Junior, Fernando Cesar de

Cabos estratégicos nas Operações de Convergência : A formação dos comandantes das pequenas frações no combate moderno. / Fernando Cesar de Souza Junior. - 2024.

44 f. il. 30 cm.

Orientador : Thiago Montes Gabri

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Militares) - Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, Rio de Janeiro, 2024.

Bibliografia: f. 40 - 41.

1. Operação De Convergência. 2. Combate Moderno. 3. Cabo Estratégico. 4. Exército Brasileiro. 5. Instrução Militar. I Título

CDD 355

Maj Inf FERNANDO CESAR DE **SOUZA JUNIOR**

Cabos estratégicos nas Operações de Convergência:
A formação dos comandantes das pequenas frações no
combate moderno

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Escola de Comando e
Estado-Maior do Exército, como requisito
parcial para a obtenção do título de
Especialista em Ciências Militares, com
ênfase em Defesa Nacional.

Aprovado em 4 de outubro de 2024.

COMISSÃO AVALIADORA



Maj Inf THIAGO MONTES GABRI – Presidente
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército



Maj Inf THIAGO HENRIQUE ALVES DO NASCIMENTO – Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército



Maj Cav JOEL DE OLIVEIRA ARRUDA – Membro
Escola de Comando e Estado-Maior do Exército

RESUMO

O combate moderno tem apresentado diversas evoluções no campo tecnológico e informacional, o que tem demandado uma mudança na formação dos militares para que compreendam adequadamente o ambiente que os cerca. As Operações de Convergência são um novo conceito de guerra no qual uma nação utiliza-se de diversos meios, em variados domínios, a fim de obter uma vantagem decisiva no moderno campo de batalha, favorecendo o desencadear de novas ações. O conceito de “Cabo Estratégico” se refere ao cabo que, devido às características do combate atual, pode impactar a missão de sua Força até mesmo no nível estratégico, seja positiva ou negativamente, dependendo de suas ações. Neste cenário, as Forças Armadas ao redor do mundo têm procurado investir em melhorias na formação destes militares, com o intuito de melhor capacitá-los e, conseqüentemente, aumentar seu poder de combate e reduzir os prejuízos causados por eventuais limitações humanas. Os militares norte-americanos são enfáticos na compreensão da importância que deve ser dada à preparação dos cabos e, sobretudo, à sua relevante atuação no combate moderno. Alguns autores brasileiros também destacam a evolução da guerra e a necessidade de melhor instruir estes profissionais. Assim, o problema proposto foi assim sintetizado: em que aspectos os conteúdos ministrados no Curso de Formação de Cabos de Infantaria do Exército Brasileiro devem ser modificados, de maneira que os cabos formados possam, no contexto de operações de convergência, atuar em suas frações como “Cabos estratégicos”? Para tanto, foi conduzida uma pesquisa bibliográfica, embasada em artigos e livros, nacionais e internacionais, além de manuais brasileiros, somada a um questionário que visou a obtenção da apreciação de diversos militares sobre a atual formação conduzida nos CFC, destacando suas potencialidades e suas deficiências. Como resultado, foi observado que a atual formação dos cabos de infantaria apresenta lacunas em relação às demandas do combate moderno, evidenciando a necessidade de atualização do Programa-Padrão de Qualificação, com foco em habilidades estratégicas e táticas, a fim de que os cabos atuem de forma efetiva nas operações de convergência. Com isso, foi possível propor algumas mudanças a serem implementadas no curso, com o objetivo de serem formados militares mais completos, com capacidade de entendimento do contexto operacional e capacidade de decisão no nível de sua fração, colaborando com o esforço de sua tropa.

Palavras-chave: operação de convergência; combate moderno; cabo estratégico; instrução militar

ABSTRACT

Modern combat has seen several technological and informational developments, which have required a change in military training so that they can adequately understand their surroundings. Convergence Operations are a new concept of warfare in which a nation uses various means, in various domains, to gain a decisive advantage on the modern battlefield, favoring the unleashing of new actions. The concept of "Strategic Corporal" refers to the corporal who, due to the characteristics of current combat, can impact the mission of his Force even at a strategic level, either positively or negatively, depending on his actions. Against this backdrop, Armed Forces around the world have sought to invest in improvements in the training of these soldiers, with the aim of better training them and, consequently, increasing their combat power and reducing the damage caused by any human limitations. The US military is emphatic in its understanding of the importance that must be given to the preparation of corporals and, above all, to their relevant role in modern combat. Some Brazilian authors also highlight the evolution of warfare and the need to better train these professionals. Thus, the proposed problem was summarized as follows: in what aspects should the content taught in the Brazilian Army's Infantry Corporal Training Course be modified, so that the trained corporals can, in the context of convergence operations, act in their fractions as "strategic corporals"? To this end, a bibliographical survey was carried out, based on national and international articles and books, as well as Brazilian manuals, in addition to a questionnaire aimed at obtaining the assessment of various military personnel on the current training conducted in the course, highlighting their potential and their shortcomings. As a result, it was observed that the current training of infantry corporals presents gaps in relation to the demands of modern combat, highlighting the need for an update to the Standard Qualification Program, focusing on strategic and tactical skills, so that corporals can effectively operate in convergence operations. As a result, it was possible to propose some changes to be implemented in the course, to train more complete soldiers, with the ability to understand the operational context and decision-making capacity at the level of their fraction, collaborating with the efforts of their troops.

Keywords: convergence operation; modern combat; strategic corporal; military instruction

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
1.1	PROBLEMA E OBJETIVOS	7
1.2	DELIMITAÇÃO E QUESTÕES DE ESTUDO	9
1.3	RELEVÂNCIA DO ESTUDO	10
2	REFERENCIAL TEÓRICO-CONCEITUAL	11
2.1	O COMBATE MODERNO E OS “CABOS ESTRATÉGICOS”	12
2.2	O EXÉRCITO BRASILEIRO E AS OPERAÇÕES DE CONVERGÊNCIA.....	14
2.3	A FORMAÇÃO DOS CABOS DE INFANTARIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO E AS POSSÍVEIS LACUNAS.....	16
3	METODOLOGIA	22
3.1	DESENHO DA PESQUISA	22
3.2	ESTRATÉGIA DE PESQUISA	26
3.2.1	Coleta de Dados	26
3.2.2	Tratamento dos Dados	27
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	28
4.1	APRESENTAÇÃO DO QUESTIONÁRIO	28
4.2	ANÁLISE E DISCUSSÃO	29
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
6	CRONOGRAMA	39
	REFERÊNCIAS	40
	ANEXO A – QUESTIONÁRIO	44

1 INTRODUÇÃO

No momento que a humanidade deixa a era industrial para ingressar na era da informação, passando por rápidas e profundas alterações, há que se procurar entender, de forma objetiva, como essas mudanças afetam a natureza dos conflitos armados e impõem necessariamente uma redefinição e uma ampliação das agendas nacionais de segurança e defesa (Visacro, 2011, p. 46).

A notável evolução da arte da guerra experimentada atualmente suscita preocupações concernentes à capacitação dos recursos humanos. A vitória militar, em tempos pretéritos, poderia até mesmo ser prevista pela mera equiparação dos meios bélicos disponíveis para cada um dos contendores. No século XXI, a despeito de toda a tecnologia, o homem se mantém imprescindível, entretanto é imperioso que esteja apto não apenas a utilizar os meios disponíveis, mas a compreender um campo de batalha altamente complexo.

Ao longo de milhares anos, as sociedades vêm se transformando à medida que diferentes agentes atuam no ambiente em que se encontram. A introdução de novas tecnologias tem sido, incontestavelmente, um destes agentes de transformação, influenciando a maneira de agir, de pensar e de se relacionar dos indivíduos, especialmente atualmente, quando a tecnologia tem avançado e se multiplicado de maneira muito rápida (Khon, 2007).

O general norte-americano Charles Krulak (2024) define o campo de batalha do século XXI como um ambiente extremamente complexo, letal e volátil. Para ele, este é um novo tipo de conflito para o qual “as ‘regras’ ainda não foram escritas”. A superioridade tecnológica já não é clara vantagem, o inimigo já não é distinguido com facilidade e, aumentando a pressão sobre as tropas, a presença da mídia transmite para a audiência cada uma das ações empreendidas, sejam elas acertadas ou não.

A doutrina moderna apresenta o ambiente conflitivo atual enquadrado em Operações de Convergência, em um contexto de combate em multidomínios, no qual a complexidade de atores, meios e possibilidades coloca à prova a capacidade dos militares em todos os níveis (Brasil, 2023). Wilson (2022) esclarece que a convergência de esforços é a chave para combater em

multidomínios e o sucesso neste tipo de operação está atrelado às capacidades de comando e às tomadas de decisão.

Embora a aplicação do conceito de Operação de Convergência seja mais atual, o contexto complexo dos conflitos já não é novidade e, com base nisso, o general Krulak (2024) propõe uma releitura sobre a relevância de um elemento muito antigo na estrutura militar, que é o cabo. Este militar é responsável pela menor fração de um pelotão e, muitas vezes, no âmbito do Exército Brasileiro (EB), tem sido visto como um mero auxiliar e cumpridor de ordens. No contexto aqui apresentado, ele assume um papel de suma importância, pois, através do conceito de “Cabo Estratégico”, o general ressalta a importância de uma preparação de alto nível para estes, já que “através de seus feitos eles podem fazer avançar os objetivos de uma campanha ou frustrar estes objetivos através dos seus erros” (Holmes, 2014, p.1).

1.1 PROBLEMA E OBJETIVOS

O EB está totalmente inserido no contexto bélico do século XXI e para que obtenha êxito nas atividades em que será empregado, deve preparar-se para cada um dos desafios deste ambiente tão peculiar. Manter-se apto para fazer frente aos desafios atuais demanda que a instituição seja dotada “de capacidades que lhe permitam, de fato, expandir seu repertório de missões para fazer frente a complexas e difusas ameaças” (Visacro, 2011, p. 46).

Assim sendo, é fundamental atualizar-se a cada momento, em diversos aspectos, através do “estabelecimento de visão prospectiva com objetivos claros a serem atingidos por parte de todas as organizações militares em termos de pessoal, material e preparo” (Mota, 2011, p. 16). A preocupação com o avanço da tecnologia e o anseio por adquirir materiais de ponta é totalmente legítimo e necessário, entretanto, não se pode esquecer que modernizar-se deve ir além do recurso material, pois o momento atual exige o desenvolvimento de novas capacidades para os recursos humanos.

A capacidade da Força Terrestre, segundo o manual de Doutrina Militar Terrestre (Brasil, 2019) “é obtida a partir de um conjunto de sete fatores

determinantes, inter-relacionados e indissociáveis: Doutrina, Organização (e/ou processos), Adestramento, Material, Educação, Pessoal e Infraestrutura”. Desta feita, o investimento no desenvolvimento de recursos humanos, especificamente em adestramento e educação para os cabos, aumenta de maneira direta a capacidade do Exército Brasileiro.

Os documentos que regulam as instruções militares de qualificação, não fazem distinção entre cabos e soldados no que diz respeito aos conhecimentos a serem adquiridos, o que significa que, ao fim deste período de instrução, os soldados concludentes do Curso de Formação de Cabos (CFC) terão o mesmo cabedal de conhecimentos de um soldado que recebeu a instrução regular no período de qualificação.

Segundo Souza Junior (2018), para que aja como um “Cabo Estratégico”, é fundamental que o militar em questão receba os conhecimentos necessários durante a sua formação e, além disso, seja estimulado a agir e a comportar-se como um elemento diferenciado.

As atividades rotineiras nas OM e as atividades operacionais acabam revelando as qualidades dos cabos que são formados nos Curso de Formação de Cabos (CFC) e são, de maneira geral, uma referência para entender as deficiências e as virtudes da formação (Souza Junior, 2018).

Do exposto, o presente trabalho pretende construir pontes entre o combate moderno, vivenciado por outros países e no qual se vislumbra o emprego da Força Terrestre, e o nível de preparação de nosso pessoal, especificamente dos cabos, e responder o seguinte problema: **em que aspectos os conteúdos ministrados no Curso de Formação de Cabos (CFC) de Infantaria devem ser modificados, de maneira que os cabos formados possam, no contexto de operações de convergência, atuar em suas frações como “Cabos estratégicos”?**

Com vistas à resolução de tal problemática, com fundamentação teórica e adequada profundidade de investigação, foi definido o seguinte objetivo geral: **analisar a adequação da formação dos cabos de infantaria do EB para atuarem efetiva e decisivamente nas operações de convergência.**

Para viabilizar a consecução do objetivo geral de estudo, foram propostos os seguintes objetivos específicos, que permitirão o encadeamento lógico do raciocínio investigativo:

- a. realizar revisão de literatura para compreender as demandas impostas pelo combate moderno, principalmente no que diz respeito à atuação dos cabos como “Cabos Estratégicos”;
- b. apresentar as operações de convergência na visão do Exército Brasileiro;
- c. analisar o conjunto de instruções previstas para os CFC no Programa Padrão de Qualificação de Infantaria e identificar as possíveis lacunas na formação.

1.2 DELIMITAÇÃO E QUESTÕES DE ESTUDO

O modelo de guerra adotado atualmente, inserido no que há de mais moderno em termos de tecnologia e, por consequência, com todas as implicações técnicas, táticas e procedimentais, além do campo da incerteza que se desenha no horizonte dos conflitos, representa o desafio das Forças Armadas por todo o mundo. O EB se insere totalmente neste contexto, o que demanda que a Força esteja pronta para o combate de hoje e do futuro, conforme prescreve o Manual de Fundamentos do Conceito Operacional do Exército Brasileiro (Brasil, 2023). Assim, a delimitação temporal deste trabalho tem como enfoque conhecer as mudanças ocorridas nos últimos anos, com o fulcro de visualizar as melhorias a serem implementadas hoje para os combates vindouros.

Como delimitação especial, muito embora o presente trabalho vise o implemento de melhorias para o EB, abarcando toda sua dispersão pelo território nacional, importa que sejam compreendidos e estudados os enfoques apresentados ao redor do mundo, sobretudo nos exércitos que possuem experiência de combate real contemporâneo e conhecem, em termos práticos, o valor das modificações e inovações vistas no campo de batalha.

O enfoque do trabalho se baseia em melhorar a formação profissional dos cabos de infantaria, de maneira geral. Por isso, não será objeto de estudo as funções dos especialistas em cada uma das manifestações específicas da arma, como a infantaria leve, de selva, blindada ou mecanizada. Ademais, embora

esteja diretamente relacionado com o tema, a formação básica dos militares nos corpos de tropa tampouco será abordada no trabalho, estando concentrados os esforços na qualificação dos cabos, naturalmente já instruídos com a formação básica.

Desta feita, foram levantados alguns questionamentos de estudos, que objetivam balizar o desenrolar do trabalho e esclarecer os objetivos geral e específicos, conforme Tabela 1.

TABELA 1 - Questões de Estudo

Questões de Estudo	Objetivos
1) Quem é o “Cabo Estratégico” e qual é sua importância para o combate moderno?	a, b
2) Qual é o desempenho esperado pelas Forças Armadas para seus cabos: a) No exterior? b) No Brasil?	a, b, c
3) Como o EB visualiza o emprego dos cabos nas Operações de Convergência?	b, c
4) Como se dá, atualmente, a formação dos cabos de infantaria e quais são suas possíveis deficiências?	c
5) O que pode ser modificado nos PP a fim de atualizar a formação dos cabos de infantaria?	c

Fonte: elaborado pelo autor.

1.3 RELEVÂNCIA DO ESTUDO

O Conceito Operacional do Exército Brasileiro – Operações de Convergência 2040 (Brasil, 2023) aponta para a necessidade de modernização da Força Terrestre com vistas a enfrentar os desafios atuais e vindouros. Isto passa pela reestruturação organizacional, aquisição de tecnologias, envolvimento com Forças Armadas de outros países e, claramente, pela preparação dos recursos humanos.

A importância dada à atualização tecnológica, por exemplo, deve ser acompanhada pela importância que se dá ao preparo de todos os indivíduos e,

de maneira inequívoca, a instrução militar completa e atualizada é uma maneira de capacitar, atualizar e preparar os militares para uma fração dos desafios que se apresentarão.

O exército norte-americano, por exemplo, identificou essa necessidade e buscou supri-la, valorizando o preparo e a atuação do cabo, comandante de esquadra, dando a devida importância para as ações desenvolvidas por este militar, tanto individualmente como comandando sua pequena fração, enquadrada em uma operação de multidomínios.

A julgar pela preparação intelectual, a Força Terrestre ainda não enxerga seus cabos desta maneira, muito embora, assim como na visão norte-americana, sendo guardadas as devidas proporções, nossos cabos podem tomar medidas que impactarão as missões até mesmo no nível estratégico.

Desta feita, com este trabalho busca-se trazer ao debate esse tema de grande importância para o Exército Brasileiro, uma vez que a lacuna existente na formação dos cabos não aparenta ser motivo de estudo atualmente e, ainda, não há informações de atualizações relevantes nos recentes Programas Padrão de instrução militar direcionados a estes elementos. Com isso, este trabalho visa a propor acréscimo de objetivos de instrução nos PP que colaborarão especificamente com a formação dos cabos de infantaria, de maneira que eles possam atuar como “Cabos Estratégicos”.

2 REFERENCIAL TEÓRICO-CONCEITUAL

O presente capítulo se debruça sobre as conceituações que permeiam o tema central do trabalho e todos os seus objetivos específicos. O embasamento teórico, embasado na conceituação, fruto das pesquisas de diversas autoridades no assunto, colabora diretamente com a riqueza da presente pesquisa e com o atingimento do objetivo geral.

A evolução da arte da guerra, inserida na própria evolução da sociedade e das tecnologias existentes, é tema de estudo desde a antiguidade. Atualmente, o rápido avanço tecnológico e a série de conflitos existentes desde a 2ª Guerra Mundial têm estimulado intensa produção científica sobre a guerra e tudo aquilo

que envolve esse complexo evento. Neste trabalho, alguns autores serão referenciados no sentido de apresentar a guerra moderna, incluindo o que se supõe que será a guerra do futuro, e tudo aquilo que ela demandará para que as Forças Armadas profissionais estejam, de fato, preparadas para os desafios que lhes serão apresentados.

O presente capítulo foi dividido de maneira a apresentar os conceitos que balizarão este trabalho. Inicialmente, serão abordados o combate moderno e as operações de convergência; seguidos da uma abordagem sobre os “Cabos Estratégicos”. Em outra parte, será abordada a formação dos cabos de infantaria do Exército Brasileiro e, por fim, as capacidades do cabo de infantaria do exército brasileiro para as Operações de Convergência.

2.1 O COMBATE MODERNO E AS OPERAÇÕES DE CONVERGÊNCIA

Mencionar “combate moderno” sem trazer uma análise embasada sobre o assunto acaba por dificultar o entendimento da relevância do trabalho. Ademais, dentro deste contexto, o EB incorporou o conceito de Operação de Convergência, o qual também demanda uma explicação para sustentar o que será desenvolvido ao longo deste capítulo.

Visando a compreensão dos conflitos da era moderna e a projeção das próximas mudanças dos cenários bélicos, Lind (2005) elaborou uma classificação dos conflitos “segundo as mudanças qualitativas em sua conduta tática” (Visacro, 2011, p.50), os classificando por gerações, da primeira à quarta. A primeira geração dos conflitos modernos ocorreu de meados do século XVII até meados do século XIX e foi caracterizada pelos campos de batalha formais e ordenados, com formações militares claras e elevados níveis de hierarquia e disciplina militares. A segunda geração, marcada pelo avanço da tecnologia no campo de batalha, priorizou a massiva utilização do fogo concentrado e escassas manobras, como foi característico da Primeira Grande Guerra.

Os blindados e a infantaria extremamente ágeis, marcas indeléveis da *blitzkrieg* alemã, vieram para romper a ordem e o equilíbrio das duas gerações anteriores e dar origem à terceira geração dos conflitos modernos. Para Lind

(2005), neste período, muito mais que no poder de fogo, a vitória estava baseada “na velocidade, na surpresa e no deslocamento mental e físico”. A guerra, a partir de então, passa a ser não linear e a dinâmica do campo de batalha muda completamente e, assim sendo, uma atualização de conceitos se faz necessária.

No presente século, o campo de batalha é ambiente extremamente complexo, letal e volátil, como conceitua o general norte-americano Charles Krulak (2024). Para ele, este é um novo tipo de conflito para o qual “as ‘regras’ ainda não foram escritas”. A superioridade tecnológica já não é clara vantagem, o inimigo já não é distinguido com facilidade e, aumentando a pressão sobre as tropas, a presença da mídia transmite para a audiência cada uma das ações empreendidas, sejam elas acertadas ou não. É neste contexto que Lind (2005) enquadra a quarta geração dos conflitos, acrescentando que os Estados perderiam o monopólio sobre a guerra e que a descentralização das tropas e a iniciativa dos militares, cultivadas na guerra de terceira geração, continuariam como características fundamentais no campo de batalha.

Wilson (2022) aborda a visão do Exército dos Estados Unidos sobre o combate atual, trazendo o conceito de Operação de Convergência, já em uso naquele país. Para o militar, a “convergência utiliza de capacidades de multidomínios mas é dependente de seu emprego e efeito em um tempo específico no espaço, sincronizado para atingir um propósito ou objetivo maior.”

Do ponto de vista do Exército Brasileiro, em 2023, o Estado-Maior do Exército publicou o Manual de Fundamentos Conceito Operacional do Exército Brasileiro – Operações de Convergência 2040, por meio do qual reúne os desafios que se apresentarão para o EB nos próximos anos.

A Força Terrestre, contribuindo em um contexto de emprego conjunto, combinado e interagências, será empregada a fim de superar os desafios impostos pela complexidade que ditará o caráter da guerra do futuro. A presente concepção de emprego substituirá o atual conceito operacional de Operações no Amplo Espectro dos Conflitos Armados, absorvendo parte de seus princípios.” (Brasil, 2023, p. 6-1)

Além de apresentar as capacidades necessárias para fazer frente ao complexo ambiente operacional, com diversidade de atores e diferentes pontos de vista, revela que este é condicionado por perspectivas como hiperconectividade, relevância da dimensão informacional, aceleração do

combate, maior letalidade seletiva e monitoramento das ações, além de outros (Brasil, 2023).

Ainda consta do manual que as Operações de Convergência estão inseridas num conceito operacional flexível, com variados níveis de intensidade, em caráter permanente e em todo o espectro dos conflitos. Ademais, os domínios onde ocorrem as operações, que são os âmbitos transversais de atuação da Força, são o terrestre, o marítimo, o aéreo, o espacial, o cibernético e o eletromagnético, ambiente onde coexiste o emprego de ações cinéticas e não cinéticas (Brasil, 2023).

Por fim, revelado o contexto em que os profissionais da guerra desenvolvem suas ações militares, fica claro que em todos os níveis faz-se necessária uma preparação global adequada para que não apenas sejam meros cumpridores de ordem, mas que compreendam o ambiente onde estão inseridos e possam, na medida da necessidade, agirem, com efetividade, além daquilo que foi planejado pelos escalões superiores.

2.2 OS “CABOS ESTRATÉGICOS”

O conceito de “cabo estratégico” foi empregado pela primeira vez, em 1999, pelo general norte-americano Charles Krulak, em seu artigo intitulado “O Cabo Estratégico: liderança na guerra de três quadras”, no qual descreve a atuação fictícia de uma fração em determinada localidade onde, em cada uma das quadras ocorria um tipo de emprego de tropa, tudo coordenado por um mesmo comando.

Com a situação que criou, fruto de suas experiências pregressas em combate, o oficial-general ressaltou a importância de que as responsabilidades pudessem ser compartilhadas dentro das frações, até os menores escalões, devido a clara dificuldade de um comandante poder gerenciar e tomar decisões oportunas para cada uma das situações apresentadas.

As respostas às crises modernas são esforços excessivamente complexos (...) As tropas têm descrito estes conflitos amorfos como “a guerra de três quadras”, situações em que os Fuzileiros Navais

americanos podem ser confrontados por todo o espectro de desafios táticos dentro do período de poucas horas e inseridos no espaço de três quarteirões adjacentes de uma cidade (Krulak, 2024, p.3).

No contexto da guerra de três quadras materializa-se a complexidade do campo de batalha atual, no qual a tropa atua de maneira descentralizada até as menores frações, de maneira previamente planejada ou por força da contingência que se apresenta. Assim, a fim de buscar o sucesso pleno, passa a ser demandada a atuação de militares preparados, que não sejam meros cumpridores de ordens, mas que tenham capacidade de discernimento e, por meio de “proficiência técnica e tática e meticulosidade física e mental”, possam “tomar a decisão correta” (Krulak, 2024, p.5).

A descentralização das frações faz com que, em muitas oportunidades, um cabo, comandante de esquadra, seja o mais antigo frente a uma situação que necessita pronta intervenção. Os ciclos decisórios “lentos e burocratizados” dos conflitos de segunda geração não têm mais serventia e devem dar lugar a um ciclo decisório reduzido e, neste caso, caberá ao cabo tomar a decisão acertada (Visacro, 2011).

(É necessária a existência de um) núcleo de efetivos profissionais permanente com elevada qualificação técnica e criteriosos processos de seleção e formação. O militar passa a ser visto como uma plataforma de combate semiautônoma, capaz de avaliar a situação tática, decidir e agir por conta própria — ênfase na iniciativa, em detrimento da disciplina militar formal; maior liberdade de ação, em detrimento de ordens de missão excessivamente restritivas. Redução do ciclo decisório, com delegação de competência aos escalões subordinados. (Visacro, 2011, p. 49).

O emprego do termo “Cabo Estratégico” e a valorização deste militar em sua fração têm bastante destaque nas Forças Armadas dos Estados Unidos da América e são inúmeras publicações que tratam sobre o tema, o que ressalta sua atualidade e sua relevância.

Mais e mais, o sucesso ou o fracasso estará junto dos jovens líderes (...) A capacidade de combater e vencer neste tipo de ambiente, em consequência, irá crescer grandemente quando melhorarmos a qualidade e sustentarmos a maestria profissional deste jovem líder - o Cabo Estratégico. (Scott, 2006, p. 1)

O general Escoto (2015), em seu artigo versando sobre as operações no Complexo da Maré, no Rio de Janeiro/RJ, em 2012, oportunidade em que

comandou os homens da Força de Pacificação, alerta sobre o complexo ambiente operacional onde as tropas se encontraram e mostra os novos desafios, diferentes daqueles do combate regular, ali vividos. O tenente-coronel Alberto Mendes (2012), por exemplo, escreve indiretamente sobre algo basilar, que diz respeito ao conceito de “Cabo Estratégico”:

É fundamental ensinar aos comandados que todas as ações realizadas trarão uma consequência, a favor ou contra a missão. E que ações desastradas não recairão somente sobre o executor, mas sobre toda a Força de Pacificação (Mendes, 2012, p.24).

Por fim, o aspecto estratégico do termo cunhado pelo general Krulak (2024) tem ainda mais uma aplicação: uma decisão mal tomada por um cabo pode ensejar em repercussões que podem extrapolar o nível tático e atingir até mesmo o nível estratégico.

Já foi mostrado que o cabo bem-preparado pode colaborar decisivamente para a consecução dos objetivos designados para sua fração e a tropa que a enquadra, mas importa mencionar que ações e decisões equivocadas têm o potencial de levar abaixo o planejamento feito por um general e minimizar os efeitos de uma vitória militar. Uma postura incoerente, o desrespeito a regras de engajamento, o desconhecimento e desrespeito da cultura de uma localidade ou o maltrato com prisioneiro, capturados por câmera e disseminados por redes sociais são exemplos de atitudes impróprias e altamente danosas para a consecução da vitória em todas as dimensões do conflito (Souza Junior, 2018).

Uma vez apresentados as Operações de Convergência, o combate moderno e o “Cabo Estratégico”, cabe analisar a formação dos cabos de infantaria do Exército Brasileiro e verificar em que nível sua preparação os habilita a enfrentar os desafios modernos visando a colaborar com a vitória completa da Força Terrestre.

2.3 A FORMAÇÃO DOS CABOS DE INFANTARIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO E AS POSSÍVEIS LACUNAS

A formação dos cabos de infantaria do Exército Brasileiro é conduzida durante o Curso de Formação de Cabos (CFC). As instruções do curso são ministradas por uma equipe dedicada, que conduz as atividades orientada pelo

Programa-Padrão de Instrução de Qualificação (PPQ) do cabo e do soldado - Instrução de Garantia da Lei e da Ordem e Instrução Comum (Brasil, 2019) e pelo PPQ do cabo e do soldado de Infantaria (Brasil, 2023).

Conforme pode ser observado no título dos PPQ e pela análise de seus conteúdos, não existe distinção, de maneira geral, com relação aos conhecimentos a serem ministrados aos cabos ou soldados. A diferenciação se limita a aspectos funcionais, por exemplo, referente ao cabo que será o chefe de uma peça de morteiro ou metralhadora e o soldado que será seu auxiliar.

As orientações iniciais constantes dos PPQ direcionam alguns aspectos gerais das instruções, se referindo a objetivos gerais, sem apresentar relevante diferenciação entre aquilo que será ministrado ao cabo ou ao soldado, a não ser o fato de “o Grupamento de Instrução do Curso de Formação de Cabos deverá ser dirigido por um oficial, de preferência Capitão, que será o responsável pela condução das atividades de instrução do curso” (Brasil, 2013, p. 5-4). Assim, observa-se que a formação terá maior centralização e controle, o que não necessariamente refletirá em uma preparação suficiente em termos de conteúdo.

A condução tradicional do CFC nas OM de infantaria é semelhante ao que acontece em um curso operacional, com um nível de exigência naturalmente inferior devido ao público alvo. Os alunos são retirados de suas subunidades, passam a compor um grupamento separado das demais frações da OM, e passam a ser submetidos a um natural rigor disciplinar e com intensa rotina, que têm valor inestimável para a formação militar, sendo, entretanto, insuficiente para formar um cabo capaz de compreender a consequência de seus atos no nível estratégico.

Segundo registra Szepesy (2005), o cabo deve estar preparado para desempenhar diversos papéis da maior importância, como os de captação de informações para a inteligência; coordenação com outras frações dentro do campo de batalha; integração com órgãos e indivíduos externos às Forças Armadas, como mídia, organizações não governamentais, polícias e outros.

Ainda do ponto de vista dos norte-americanos, com respeito à preparação dos cabos, em um artigo que fala sobre a mudança de paradigmas na formação destes militares, vemos que “na nova desordem mundial, todos — graduados, oficiais e soldados —, e não apenas os melhores e mais brilhantes destinados

ao generalato, precisam de um grau essencial de competência militar profissional” (Stringer, 2010, p. 4).

No Brasil, a importância dessa mudança de paradigmas já foi abordada em alguns artigos, como “O desafio da transformação”, do Coronel Alessandro Visacro, já citado neste artigo. Além de reafirmar muito do que já foi dito na literatura estrangeira, o autor alerta para o fato que a “esmagadora maioria dos profissionais militares, graças à ortodoxia e ao ceticismo de sua formação, são soldados de, no máximo, ‘segunda geração” (Visacro, 2011, p. 53). Isto posto, vemos que não estão verdadeiramente preparados para enfrentar as verdadeiras ameaças do atual contexto bélico.

Para que aja como um “Cabo Estratégico”, é fundamental que o cabo receba os conhecimentos necessários durante a sua formação e, além disso, seja estimulado a agir e a comportar-se como um elemento diferenciado em seu cotidiano, o que já foge do escopo deste trabalho, mas importa mencionar.

As atividades rotineiras nas OM e as atividades operacionais acabam revelando as qualidades dos cabos que são formados nos CFC e são, de maneira geral, uma referência para entender as deficiências e as virtudes da formação.

Os PPQ se mostram desatualizados ou, no mínimo, incompletos, o que é comprovado em ocasiões nas quais diversas instruções precisam ser ministradas como forma de preparação para determinadas missões, não com o objetivo de relembrar o que já é sabido, mas de ensinar ou atualizar determinadas informações, que naturalmente ficam obsoletas.

As Figuras 1 e 2 abaixo, nas quais constam os conteúdos dos PPQ de Instrução de Garantia da Lei e da Ordem e instrução comum, e de qualificação do cabo e do soldado de Infantaria, respectivamente, podem ser verificados os assuntos e matérias que são ministrados aos cabos e soldados que recebem a instrução de qualificação.

FIGURA 1 – Extrato do Programa-Padrão de Instrução de Qualificação Comum/GLO

ÍNDICE DE ASSUNTOS		EB70-PP-11.012
PARTE A. INSTRUÇÃO DE GARANTIA DA LEI E DA ORDEM (GLO)		Pag
1. Finalidade		1-3
2. Objetivos do Período		1-3
3. Avaliação		1-3
4. Tempo Estimado		1-3
5. Validação do Programa-Padrão		1-3
6. Observações Importantes sobre o Programa-Padrão		1-4
7. Normas Complementares		1-4
II. FICHAS DE CONTROLE DA INSTRUÇÃO		2-1
III. PROPOSTA PARA DISTRIBUIÇÃO DO TEMPO		3-1
IV. DISTRIBUIÇÃO DAS MATÉRIAS POR PÁGINA		4-1
1. Armamento, Munição e Tiro		4-2
2. Lutas (Combate à Baioneta)		4-4
3. Defesa Química, Biológica, Radiológica e Nuclear		4-6
4. Instrução de Pronto Operacional		4-7
5. Operações Tipo Polícia na Garantia da Lei e da Ordem		4-8
6. Patrulha		4-12
7. Treinamento Físico Militar		4-14
PARTE B. INSTRUÇÃO COMUM		
V. INTRODUÇÃO		5-1
1. Finalidade		5-2
2. Objetivos do Período		5-2
3. Estrutura da Instrução		5-3
4. Direção e Condução da Instrução		5-4
5. Avaliação		5-5
6. Qualificação e Habilitação		5-5
7. Classificação		5-5
8. Promoção		5-5
9. Desabilitação para Concorrer à Promoção a Cabo		5-5
10. Tempo Estimado		5-6
		EB70-PP-11.012
11. Validação do Programa-Padrão		5-6
12. Estrutura do Programa-Padrão		5-6
13. Observações Importantes sobre o Programa-Padrão		5-6
14. Normas Complementares		5-6
VI. FICHAS DE CONTROLE DA INSTRUÇÃO		6-1
VII. PROPOSTA PARA DISTRIBUIÇÃO DO TEMPO		7-1
VIII. DISTRIBUIÇÃO DAS MATÉRIAS POR PÁGINA		8-1
1. Armamento, Munição e Tiro		8-3
2. Camuflagem		8-6
3. Comunicações		8-7
4. Meio Ambiente		8-11
5. Marchas e Estacionamentos		8-12
6. Ordem Unida		8-16
7. Técnicas Especiais		8-17
8. Treinamento Físico Militar		8-18
9. Valores, Deveres e Ética Militares		8-19
10. Educação Moral e Cívica		8-22

Fonte: EB70-PP-11.012 - Programa-padrão de instrução de qualificação do cabo e do soldado - Instrução de Garantia da Lei e da Ordem e instrução comum

FIGURA 2 – Extrato do Programa-Padrão de Instrução de Qualificação Peculiar

IV. MATÉRIAS PECULIARES DAS QMP DE INFANTARIA	
P1	Explosivos e Munições 4-2
P2	Acondicionamento de Explosivos e Munições 4-4
P3	Inspeção de Explosivos e Munições 4-8
P4	Explosivos e Destruições 4-9
P5	Destruição de Explosivos e Munições 4-11
P6	Transporte de Explosivos e Munições 4-12
P7	Escrituração de Explosivos e Munições 4-13
EB70-PP-11.170	
P8	Suprimento Classe V Munições 4-14
P9	Minas e Armadilhas 4-15
P10	Equipamentos de Medição 4-17
P11	Equipamentos de Controle do Tiro de Morteiro 4-19
P12	Topografia 4-20
P13	Observação 4-24
P14	Utilização do Terreno 4-26
P15	Fortificação de Campanha 4-27
P16	Patrulhas 4-29
P17	Técnicas Especiais 4-34
P18	Defesa Contra Aviação e Blindados 4-38
P19	Vigilância, Reconhecimento e Orientação 4-40
P20	Técnica do Material/Metralhadoras (Leve, Média e Pesada) 4-47
P21	Técnica do Material/Armamento Anticarro (L Roj e MAC) 4-49
P22	Técnica do Material/Morteiros (Leve, Médio e Pesado) 4-51
P23	Técnica do Material/Reparo de Metralhadora Automatizada X-REMAX 4-54
P24	Técnica do Material/Sistema de Armas Remotamente Controlado/SARC (Can Aut 30mm, Mrt Coaxial 7,62mm e L Gr Veic) 4-57
P25	Técnica do Material/Sistema de Vigilância, Monitoramento e Reconhecimento (SVMR) 4-59
P26	Técnica de Tiro/Metralhadoras (Leve, Média e Pesada) 4-60
P27	Técnica de Tiro/Armamento Anticarro (L Roj e MAC) 4-65
P28	Técnica de Tiro/Morteiros (Leve, Médio e Pesado) 4-67
P29	Técnica de Tiro/Reparo de Metralhadora Automatizada X-REMAX 4-72
P30	Técnica de Tiro/Sistema de Armas Remotamente Controlado/SARC (Can Aut 30mm, Mrt Coaxial 7,62mm e L Gr Veic) 4-74
P31	Fuzil Metralhador 4-76
P32	Maneabilidade da Peça (Metralhadora Média) 4-79
P33	Maneabilidade da Peça/Seção (Armas Anticarro e Morteiros) 4-82
P34	Maneabilidade do GC 4-87
P35	Maneabilidade do GC (Bld/Mec) 4-91
P36	Maneabilidade dos Exploradores 4-95
P37	Viatura Blindada de Transporte de Pessoal (Sobre Lagartas/Sobre Rodas) 4-98
EB70-PP-11.170	
P37	Viatura Blindada de Transporte de Pessoal (Sobre Lagartas/Sobre Rodas) 4-98
P38	Manutenção do Material (Todas as classes) 4-104
P39	Armamento, Munição e Tiro 4-107
P40	Lutas 4-109
P41	Segurança de Autoridades 4-110
P42	Policimento de Trânsito 4-111
P43	Fundamentos Jurídicos 4-113
P44	Patrulhamento Ostensivo 4-115
P45	Garantia da Lei e da Ordem 4-120
P46	Combate em Localidade 4-124

Fonte: EB70-PP-11.170 - Programa-padrão de instrução de qualificação do cabo e do soldado de Infantaria

A despeito de se apresentar como um conteúdo desatualizado ou incompleto para os dias atuais, é patente que as instruções ministradas nos CFC são muito semelhantes às ministradas para um soldado de infantaria comum,

que desempenhará uma função apenas como cumpridor de ordens. Este fato repercute na formação de um cabo pouco preparado para desempenhar as futuras missões que receberá, nas quais deverá ser mais que um simples executor.

O Major Scott, fuzileiro naval, reafirma a importância de não se preparar para o futuro apenas de maneira estrutural ou tecnológica, mas fundamentalmente investir na preparação dos homens para o combate moderno. Para ele, as instruções ministradas devem permitir que o cabo tenha “um mínimo de iniciativa individual, sensibilidade cultural, percepção de mídia, habilidades de negociação, competência linguística, perícia com armas e dispositivos e capacidade operativa dentro de pequenos grupos” (Scott, 2006, p. 7).

Ainda no que tange ao treinamento, ele enfatiza que melhor do que ter uma especialidade apenas, o cabo deve ter uma atitude de multifuncionalidade. Além disto, deve ter mais curiosidade do que complacência e mais iniciativa do que conformismo. Enfim, o cabo deve ser treinado para ser mais do que um mero ajudante dentro de sua fração (Scott, 2006).

Ao descrever como um Cabo Estratégico resolveu uma situação em seu artigo “O Cabo Estratégico: liderança na guerra de três quadras”, o general Krulak escreve que antes de tomar qualquer decisão, o militar revisou tudo o que ele sabia. Para fazer um estudo de situação visando tomar uma decisão, é fundamental que o militar tenha conhecimento suficiente. Ademais, o general afirma que devemos não apenas permitir que o potencial de liderança dos cabos floresça, mas é importante incentivar este tipo de atuação. Além dos aspectos táticos, técnicos e de liderança, atributos como integridade, iniciativa, decisão e agilidade mental devem fazer parte das ferramentas de trabalho de um cabo (Krulak, 2024).

Da análise do que já foi apresentado, depreende-se, como sugestão inicial, que os CFC devem ministrar instruções que abordem aspectos jurídicos, liderança, inteligência militar e cultural, planejamento sumário e tomada de decisão, instruções avançadas de topografia utilizando meios digitais, Operação de Cooperação e Coordenação com Agências, conduta com elementos de mídia, dentre outras.

Encerrando o presente referencial teórico-conceito, cabe reafirmar a complexidade do combate moderno e o desafio que o EB enfrentará a fim de

levar a cabo uma Operação de Convergência, precisando de militares cada vez mais capacitados. Para que os cabos sejam parte integrante do sucesso da tarefa, é preciso prepará-los para muito mais do que lhes é ofertado nas instruções de formação.

3 METODOLOGIA

Este capítulo tem por finalidade elucidar a abordagem metodológica adotada para alcançar os objetivos propostos neste trabalho, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada das demandas e lacunas existentes na formação dos cabos de infantaria do Exército Brasileiro. A metodologia delineada norteará a estruturação das seções subsequentes, garantindo uma abordagem coerente e confiável.

A fim de atingir esse propósito, será apresentado, inicialmente, o desenho de pesquisa, detalhando as escolhas metodológicas em termos de abordagem e método procedimental. Em seguida, será abordada a estratégia de pesquisa, que envolve as ferramentas de coleta e tratamento dos dados mais adequados para investigar a problemática estudada. Por fim, será apresentado o cronograma da pesquisa, detalhando as atividades planejadas, os prazos de execução e os marcos importantes, visando a garantir a realização eficiente e oportuna deste estudo.

3.1 DESENHO DA PESQUISA

A sistematização do processo da pesquisa se faz necessária porque garante a organização e a clareza na condução do estudo, possibilitando uma abordagem estruturada e objetiva. A definição de um desenho de pesquisa, que compreende a escolha cuidadosa de métodos e técnicas adequados para responder às questões de pesquisa proporciona uma base sólida para a coleta e análise de dados, facilitando a interpretação dos resultados e a obtenção de

conclusões robustas. Desta feita, a classificação da pesquisa, dentre os diferentes tipos existentes, contribui para que ocorra a seleção de uma abordagem mais apropriada em consonância com a investigação proposta.

Nesse sentido, esta investigação adota uma abordagem indutiva, como conceituado por Lakatos e Marconi (2021), buscando construir teorias e encontrar generalizações a partir da análise de dados específicos. Essa abordagem está alinhada com a corrente filosófica do empirismo, que valoriza a experiência sensorial e a observação como bases para a obtenção do conhecimento. Nas ciências sociais, onde nosso tema está inserido, a abordagem indutiva é frequentemente empregada devido a sua capacidade de capturar a complexidade dos fenômenos e oferecer *insights* relevantes para a compreensão desses contextos.

Quanto ao método procedimental, esta pesquisa se caracteriza como observacional, com ênfase na observação direta e sistemática dos fenômenos em seu contexto natural, conforme indicado por Gil (2008). Essa abordagem procedimental permite a coleta dos dados de forma não intrusiva, possibilitando a análise das interações e dos padrões de comportamento das variáveis em estudo.

No que tange à natureza, esta pesquisa é de cunho aplicado, uma vez busca encontrar respostas para um problema específico e fornecer soluções diretamente aplicáveis. Assim, esta pesquisa se alinha com os princípios da pesquisa aplicada ao focar em um problema enfrentado pelo Exército Brasileiro, cujo resultado pode ser utilizado no desenvolvimento de possíveis soluções para a Força Terrestre.

Quanto aos propósitos deste estudo, pode-se classificá-lo como exploratório devido a sua abordagem de investigação das deficiências na formação dos cabos de infantaria do Exército Brasileiro e na forma de suplantá-las. Conforme destacado por Gil (2008), uma pesquisa exploratória busca proporcionar uma maior compreensão do problema em questão, tornando-o mais evidente, conforme estuda suas hipóteses iniciais.

Por fim, quanto ao desenho, esta pesquisa se aproxima de uma investigação, tendo em vista que o tipo de problema apresenta a necessidade de uma solução que vise uma transformação em prol das tropas de infantaria, sendo o objeto de estudo - a formação do cabo de infantaria - a problemática a

ser modificada. O produto que se pretende é um diagnóstico mais aprofundado deste problema e algumas propostas para que se inicie o processo de solução.

Desta feita, para atingir o objetivo geral de analisar a adequação da formação dos cabos de infantaria do EB para atuarem efetiva e decisivamente nas operações de convergência, este estudo teve como base o plano investigativo que pode ser visualizado na Tabela 2.

TABELA 2 – Desenho da Pesquisa

PROBLEMA	OBJETIVO GERAL	OBJETIVO ESPECÍFICO	PROCEDIMENTO	INSUMO	PRODUTO
Em que aspectos os conteúdos ministrados no Curso de Formação de Cabos (CFC) de Infantaria devem ser modificados, de maneira que os cabos formados possam, no contexto de operações de convergência, atuar em suas frações como “Cabos estratégicos”	Analisar a adequação da formação dos cabos de infantaria do EB para atuarem efetiva e decisivamente nas operações de convergência.	Realizar revisão de literatura para compreender as demandas impostas pelo combate moderno, principalmente no que diz respeito à atuação dos cabos como “Cabos Estratégicos”.	Revisão bibliográfica	Livros, artigos científicos, documentos oficiais e manuais.	Compreensão do cenário bélico atual e do conceito de “Cabos Estratégicos”.
		Apresentar as operações de convergência na visão do Exército Brasileiro.	Revisão bibliográfica	Livros, artigos científicos, documentos oficiais e manuais.	Compreensão do enquadramento do EB no cenário bélico atual.
		Analisar o conjunto de instruções previstas para os CFC no Programa Padrão de Qualificação de Infantaria e identificar as possíveis lacunas na formação.	Revisão bibliográfica Levantamento (survey)	Livros, artigos científicos, documentos oficiais, manuais e questionário.	Levantamento das lacunas existentes na formação dos cabos de infantaria do EB.

Fonte: elaborado pelo autor.

3.2 ESTRATÉGIA DE PESQUISA

O referencial teórico-conceitual apresentado foi capaz de esclarecer o entendimento do combate moderno, as operações de convergência, o conceito de “Cabo estratégico” e a inserção do EB neste contexto. Ainda, o *core* da investigação se concentra em identificar, por meio de pesquisa bibliográfica e levantamento, com informações advindas de um questionário, as possíveis lacunas na formação dos cabos de infantaria do EB para que atuem nos conflitos modernos com proficiência.

3.2.1 Coleta de Dados

A pesquisa bibliográfica ainda tem papel importante nesta etapa do trabalho, uma vez que por meio dela foram analisados os Programas-Padrão e feita a apreciação dos conhecimentos ministrados aos cabos de infantaria durante sua formação. Ademais, o levantamento foi utilizado a fim de buscar a impressão de outros militares de infantaria do Exército sobre a formação dos cabos e sua adequabilidade para o combate moderno, já que, segundo Gil (2008), o levantamento envolve a interrogação direta das pessoas cujo comportamento desejamos conhecer através de algum tipo de questionário.

O questionário foi disponibilizado na plataforma digital do Google, estruturado com perguntas abertas e fechadas, visando a obter a apreciação da formação dos cabos de infantaria e sua adequada preparação para o combate moderno, a partir da ótica de oficiais e sargentos da arma de infantaria do EB. Com base nas respostas, foram levantadas as possíveis lacunas existentes entre o que se pratica atualmente e o que se espera em termos de conteúdo para os Programas-Padrão de Qualificação.

Como limitações, pode-se apontar a falta de contato da maioria dos militares que responderam ao questionário com conceitos como “Cabo Estratégico”, operações de convergência e, até mesmo, um entendimento teórico do combate moderno. Ademais, nem todos os respondentes travaram contato direto com a formação dos cabos e conhecem com profundidade os Programas-Padrão e os conteúdos ministrados nos CFC. Assim, algumas

respostas podem sugerir resultados que são frutos de observações rasas ou meras opiniões pessoais sem fundamento.

3.2.2 Tratamento de Dados

Os dados coletados foram automaticamente extraídos e transformados em planilha por meio do Formulário do Google. As perguntas fechadas foram tabuladas e classificadas com relação à sua relevância de acordo com a percentagem de vezes que foi manifesta. As perguntas abertas foram apresentadas como um resumo das falas e observações obtidas dos pesquisados após serem submetidas à análise acurada, mencionando, inclusive, sua reincidência dentro das diversas respostas, como orienta Gil (2008). O processo de categorização dos dados foi o *bottom-up*, com as categorias e temas emergindo dos dados coletados.

O questionário teve seus dados organizados e tabulados automaticamente por meio dos Formulários Google. Os dados foram lidos e tabulados (quantitativos) ou separados em categorias temáticas (qualitativos). Foi utilizada estatística descritiva (quantitativos) – medidas de tendência central e dispersão – e análise de conteúdo (qualitativos), seguindo os procedimentos metodológicos previsto por Bardin (1977), que compreendem leitura inicial, identificação temática e descrição do conteúdo das mensagens.

Algumas limitações e restrições envolvendo o questionário puderam ser observadas, com a possibilidade de os participantes terem respondido de maneira que consideram socialmente desejável ou de acordo com o que acharam que melhor colaboraria com a pesquisa, o que pode distorcer os resultados, comprometendo a validade interna da pesquisa e dificultando a identificação de relações causais reais. Ademais, a seleção da amostra pode ter sido inadequada, não refletindo a população-alvo que lidou com os cabos em períodos mais recentes, apontando a necessidade de interpretação mais cautelosa dos dados coletados.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 APRESENTAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

Neste capítulo, apresentaremos a análise dos dados coletados por meio do questionário, constante do anexo A, aplicado a 133 participantes, cujas respostas fornecem uma visão abrangente sobre a formação dos cabos de infantaria. O questionário foi estruturado para captar não apenas a percepção dos respondentes sobre a importância do papel dos cabos no combate moderno, mas também para identificar as capacidades, habilidades e conhecimentos que eles consideram essenciais para o desempenho eficaz de suas funções.

Os dados coletados incluem informações sobre os postos e graduação dos respondentes, suas experiências e opiniões sobre a formação dos cabos. A primeira seção do questionário aborda o perfil dos participantes, permitindo uma contextualização das respostas em relação à experiência militar. Em seguida, questões específicas foram formuladas para avaliar a importância da atuação dos cabos, a percepção sobre sua capacidade de substituir comandantes em situações críticas e a relevância dos conteúdos ministrados em seu curso de formação.

Além disso, o questionário incluiu perguntas abertas que possibilitaram aos respondentes justificar suas escolhas e compartilhar experiências pessoais relacionadas à formação dos cabos. Essa abordagem qualitativa enriquece a análise, permitindo uma compreensão mais profunda das percepções e preocupações dos militares em relação ao CFC.

A análise dos dados foi realizada de forma a identificar padrões e tendências nas respostas, destacando as áreas que necessitam aprimoramento e as competências que devem ser priorizadas na. Através dessa análise, busca-se contribuir para o desenvolvimento de um currículo mais eficaz e alinhado às necessidades do combate moderno, promovendo uma formação que prepare adequadamente os cabos para os desafios que enfrentarão em suas funções.

Finda essa introdução, passaremos agora à análise detalhada dos resultados obtidos, onde serão exploradas as respostas dos participantes e suas implicações para a formação dos cabos de infantaria.

4.2 ANÁLISE E DISCUSSÃO

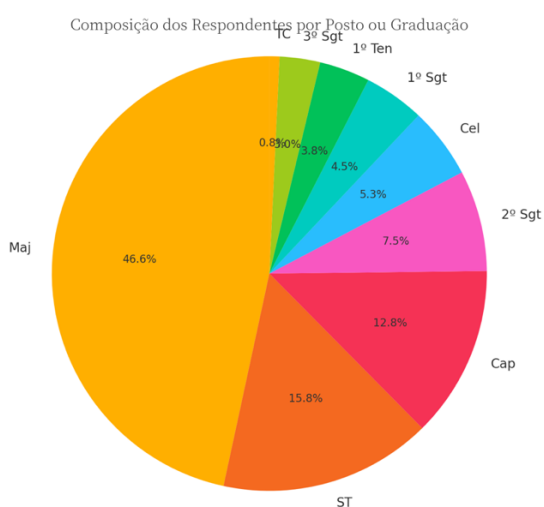
Os 133 militares respondentes do questionário representam uma amostra pequena no âmbito da Força Terrestre, entretanto, por amostragem, pode trazer informações relevantes a serem consideradas no presente estudo. Abaixo estão a tabela 3 e o gráfico 1, que, respectivamente, detalham o efetivo dentro dos postos e graduações e a sua distribuição dentro da população participante.

TABELA 3 – Efetivo de participantes

Posto/Graduação	Número de Participantes
Cel	7
TC	1
Maj	62
Cap	17
1º Ten	5
ST	21
1º Sgt	6
2º Sgt	10
3º Sgt	4

Fonte: elaborado pelo autor

GRÁFICO 1 – Percentual de participantes



Fonte: elaborado pelo autor

A população abrange **diversos postos e graduações** e, conseqüentemente, uma variedade relevante de experiências militares angariadas pelos anos de serviço nas mais diversas funções e situações, reais ou simuladas. Esta diversidade é crucial para garantir que as opiniões e percepções coletadas sejam representativas de diferentes segmentos dentro da Força. Naturalmente, os oficiais que participaram das coordenações de cursos como oficial de operações terão uma percepção diferente do 3º Sgt que atuou diretamente na instrução ou que teve um cabo como subordinado direto.

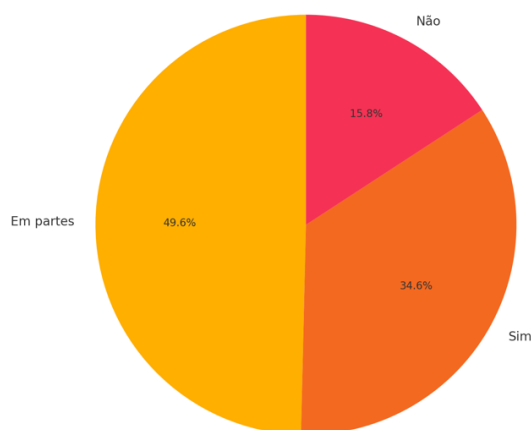
Cabe destacar que **97% dos participantes já se envolveram**, direta ou indiretamente, nas **atividades relacionadas aos CFC**, o que se manifesta como um ponto forte do questionário, trazendo maior confiabilidade para as respostas obtidas que se relacionam com os aspectos da formação dos cabos.

Uma das perguntas realizadas no questionário se refere à **relevância que se pode atribuir ao cabo no combate moderno**, com o intuito de entender a percepção geral sobre a atuação dos cabos. Para 84 militares (63% dos participantes), a participação dos cabos é importante, e para 48 deles (36%) os cabos são decisivos no combate moderno. Assim, praticamente a totalidade (99%) dos entrevistados reconhece o cabo como um elemento, no mínimo, importante. Aqueles que os avaliam como “decisivos” estão alinhados com a base teórica aqui apresentada, que reforça o papel dos pequenos escalões na colaboração para a definição da vitória no combate moderno.

Essa avaliação desperta uma preocupação, pois embora os cabos sejam vistos como importantes, sua formação nos corpos de tropa enfrenta dificuldades em termos de atualização dos conhecimentos do Programa-Padrão, escassez de meios tecnológicos disponibilizados em instruções, poucas práticas de tiro e outros problemas, o que diminui a capacitação dos militares e, pela apreciação de sua importância, prejudica diretamente suas frações enquadrantes.

Uma das missões que um cabo pode receber em combate é a de **substituir um sargento**. Com isso, foi perguntado aos participantes **se eles entendem que os cabos possuem as capacidades mínimas para cumprir essa tarefa**. Conforme o gráfico abaixo, pode-se depreender que apenas 34% dos participantes entendem que o cabo pode secundar o sargento em condições minimamente aceitáveis, o que desperta uma preocupação relevante, já que no caso de uma eventual baixa do sargento, o grupo de combate poderá ficar acéfalo, em termos práticos, embora o cabo assuma o grupo de fato.

GRÁFICO 2 – Capacidade de substituir o sargento



Fonte: elaborado pelo autor

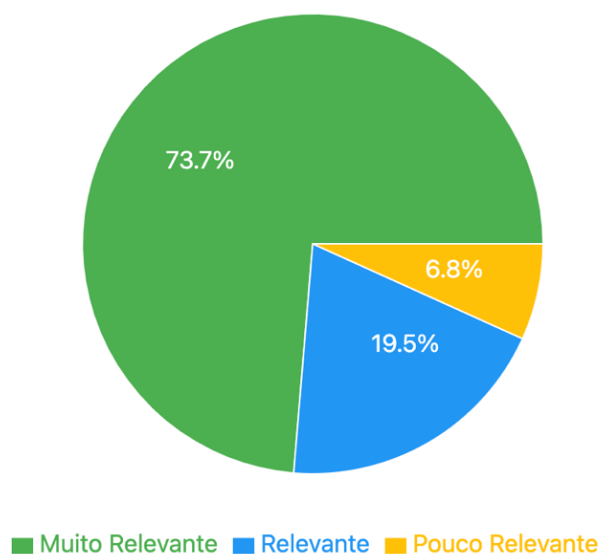
Na mesma pergunta foi dado um espaço para respostas abertas por parte dos participantes. Mais uma vez, o quesito da formação do militar foi amplamente citado, reforçando as percepções até então levantadas. Seguem algumas observações que corroboram essa preocupação: “A formação do Cabo não o qualifica para substituir o Sargento Comandante de Grupo. O militar é formado para ser um executante, e não há um aprofundamento nas áreas técnicas que dariam suporte para a responsabilidade de assumir um grupo de combate.”; “A formação dos Cb no EB não contempla uma série de assuntos prioritários para a ação de comando junto a um grupo de combate.”; “O PP do CFC tem uma carga horária que não permite que o Aluno do CFC compreenda as questões de manobra e de tática na profundidade ideal para substituir um Cmt GC.” e “Pouco tempo de formação dificulta o aprendizado e a liderança.”

Esses dados reforçam a importância que deve ser dada à preparação dos cabos, desde sua formação, passando pelas atividades cotidianas no quartel. Entretanto, dentro do escopo deste trabalho, entende-se como imperioso formar cabos que tenham a mínima capacidade de substituir o sargento, em último caso, o que os preparará para também assessorar esse comandante imediato.

Um dos problemas levantados durante a revisão bibliográfica diz respeito ao fato de a **carga de assuntos ministrados** no Curso de Formação de Soldados (CFSd) e no Curso de Formação de Cabos (CFC) ser idêntica, já que os cursos regulados pelo mesmo Programa-Padrão e não é apresentada distinção de conteúdo. Foi perguntado aos respondentes qual é o **nível de relevância que o eles atribuem à diferenciação dos conteúdos ministrados** aos cursos levando em consideração as funções a serem desempenhadas por cada um dos militares.

Conforme se pode ver no gráfico abaixo, uma parcela pequena dos respondentes considerou esse fato pouco relevante, perfazendo um total de 6,8% dos participantes, sendo que nenhum deles considerou irrelevante os assuntos serem os mesmos. Assim sendo, entende-se que é fundamental que haja uma atualização dos assuntos ministrados no CFC para, no mínimo, diferenciar aquilo que um cabo deve conhecer, pela especificidade da função que desempenhará.

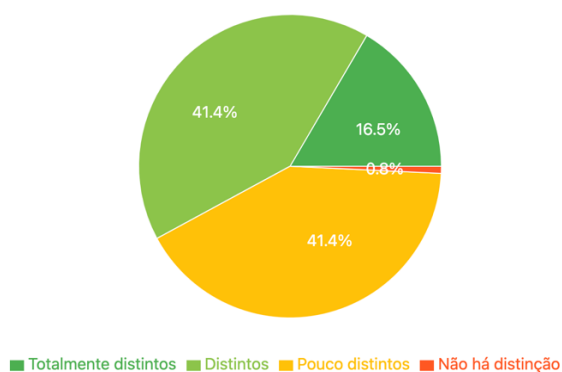
GRÁFICO 3 – Relevância da diferenciação dos conhecimentos ministrados a cabos e soldados na formação



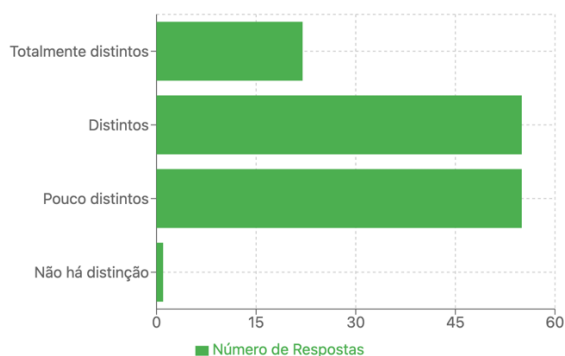
Fonte: elaborado pelo autor

Com o intuito de obter a percepção dos respondentes sobre a atuação dos cabos no cotidiano das OM e nas atividades operacionais, lhes foi solicitada uma **comparação entre os cabos e os soldados e em que nível esses militares se distinguem**. As respostas obtidas revelam que os respondentes consideram que há um nível relevante de distinção entre os cabos e soldados, já que 16,5% os veem como “totalmente distintos” e 41,4% os veem como “distintos”. Entretanto, uma parcela significativa (41,4% dos militares) observa que cabos e soldados são “pouco distintos” e apenas um respondente disse não haver distinção, conforme se observa nos gráficos abaixo.

GRÁFICOS 4 e 5 – Percepção da distinção entre cabos e soldados



Fonte: elaborado pelo autor

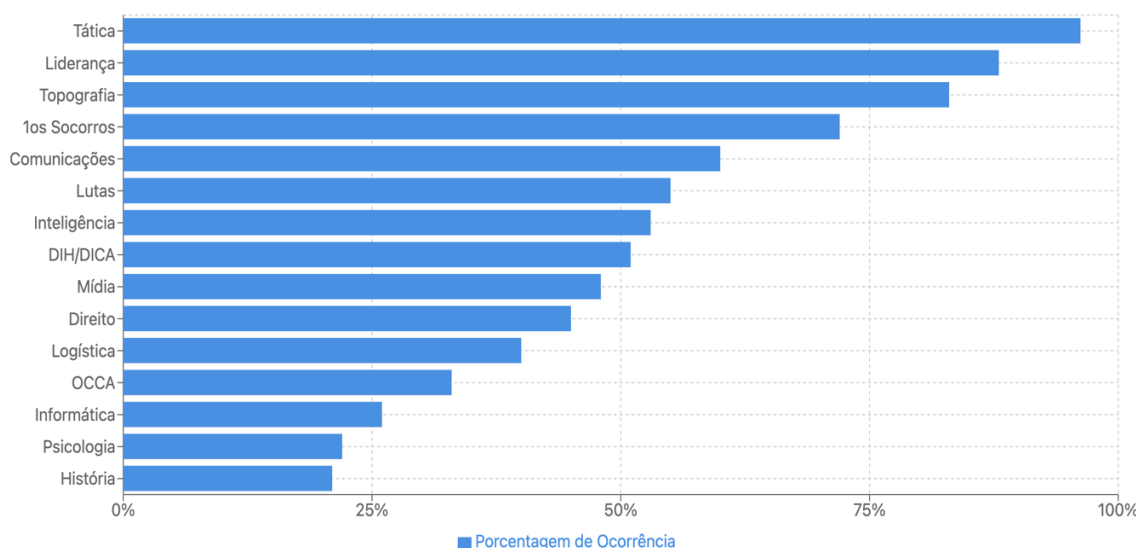


Fonte: elaborado pelo autor

O percentual de militares que percebe pouca diferença entre os cabos e soldados em suas atuações é alarmante. Esse resultado enseja um debate sobre o que pode haver de errado na formação dos cabos que, aos olhos de muitos militares, pouco se distinguem dos soldados, sendo que estes últimos tem apenas uma formação ordinária dentro dos quartéis e não recebem responsabilidades ou missões específicas.

Ainda, os respondentes do questionário foram instados a colaborarem indicando **capacidades, habilidades e conhecimentos** que julgavam mais **importantes para os cabos de infantaria** adquirissem durante seu curso de formação, a fim de distingui-los dos soldados e torná-los militares mais aptos a exercerem suas funções peculiares em um cenário de combate moderno. Abaixo podemos ver um gráfico de barras horizontal que aponta os resultados.

GRÁFICO 6 – Capacidades, habilidades e conhecimentos essenciais



Fonte: elaborado pelo autor

É possível observar que tópicos mais relacionados com atividades práticas e de possibilidade de emprego dos cabos foram entendidos como mais relevantes. Figuraram como as disciplinas mais destacadas o emprego tático das frações que enquadra, assuntos relativos à liderança, conhecimentos mais aprofundados de topografia, primeiros socorros em combate, comunicações e inteligência, além de instruções práticas de lutas.

Em complemento, assuntos mais teóricos, como os que envolvem diversos tipos de direito, relacionamento com a mídia e outras agências

governamentais, história e psicologia, foram menos pautados. Depreende-se que o entendimento é de que são temas que extrapolam a função do cabo e podem ensejar em perda de tempo na preparação do militar, o que reforça o entendimento de que, ainda que se queira mais do cabo, ele continua sendo um indivíduo voltado essencialmente para atividades práticas e, em algum nível, assessoramento. Conhecimentos de logística e informática tampouco figuraram entre os mais importantes para os respondentes.

Os assuntos e matérias dos PPQ, trazidos nas figuras 1 e 2 do referencial teórico deste trabalho, permitem que seja feita a comparação daquilo que é ministrado nos cursos com o que foi entendido como mais relevante e mais atual a ser trazido aos cabos de infantaria. Embora alguns assuntos sejam encontrados nos PP, como topografia, lutas e comunicações, ao destrinchar os objetivos gerais e específicos das matérias, é possível perceber que seu foco é no mero executor, além de envolver uma visão anacrônica dos conceitos e atitudes.

Ainda, matérias fundamentais como liderança e primeiros socorros não são nem ao menos mencionadas nos PP, o que revela uma grave desconexão com a realidade dos combates atuais e, também, com aquilo que se deve esperar de um cabo junto à sua fração.

Outro ponto fundamental que fica de fora dos programas se refere às Operações de Coordenação e Cooperação com Agências (OCCA), um tipo de operação largamente utilizado atualmente, que demanda atuação de militares muitas vezes em pequenos grupos, implicando na atuação mais assertiva do cabo junto à sua esquadra e em colaboração com seu grupo de combate.

A fim de tornar mais visual os resultados trazidos do questionário, ressaltando os assuntos de maior importância, foi confeccionado o gráfico de nuvem de palavras abaixo.

GRÁFICO 7 - Capacidades, habilidades e conhecimentos essenciais



Fonte: elaborado pelo autor

Desfechando a análise dos resultados obtidos por meio do questionário, serão apresentadas algumas observações feitas livremente pelos respondentes do questionário:

- “É preciso a formação do cabo no Exército Brasileiro romper com o formato atual que se apresenta como obsoleto e antiquado aos desafios do combate moderno. O cabo tem de ser dotado de ferramentas que o possibilitem vencer o "inimigo do dia" que ora se depara, como discrepância culturais, idiomáticas, geográficas e históricas do ambiente em que atua. Atualmente na formação não vejo essas ferramentas.”

- “O cabo necessita de uma formação de nível maior e os CFC devem prepará-lo para ser o substituto imediato do Cmt GC, além disso ele deve saber liderar o efetivo sob seu comando em ações de campanha e no cotidiano de sua OM.”

- “A formação do Cabo deve ser contemplada com um Programa Padrão diferenciado, que contemple, inclusive, uma carga horária maior do que prevista atualmente.”

As três apreciações supracitadas reforçam a importância da formação adequada dos militares. Segundo as respostas acima e tantas outras obtidas, mas não colocadas neste trabalho, os CFC carecem de uma atualização dos assuntos ministrados, a fim de fornecer uma base de conhecimentos a partir da qual serão aprimorados os cabos de infantaria do Exército Brasileiro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou investigar e entender algumas tendências dos combates modernos, por meio de uma revisão bibliográfica, a fim de verificar o nível de alinhamento do Exército Brasileiro com outras Forças Armadas com larga experiência em combate real.

O Conceito Operacional do Exército Brasileiro para 2040 coloca a Força no escopo das Operações de Convergência, conforme já vêm fazendo as tropas norte-americanas. Para isto, o EB precisará se adaptar em diversos aspectos, desde tecnológicos até de recursos humanos. Desta feita, os militares precisarão estar atualizados e ambientados com a complexidade da guerra moderna, a fim de colaborar, no nível tático, com os esforços traçados desde os níveis políticos.

O campo de batalha mudou e os militares também precisam mudar. As habilidades necessárias aos militares na 1ª Guerra Mundial ainda são importantes, mas são uma fração das capacidades que os combatentes precisam evidenciar. Ressalta-se que isso não se aplica somente a um círculo hierárquico, mas perpassa todos os postos e graduações, nas mais diversas armas, serviços e especialidades.

O cabo estratégico, alvo deste trabalho, precisa ser minuciosamente moldado, pois, como já visto, ele tem capacidade para influenciar o resultado das campanhas até mesmo em nível estratégico e, quiçá, no nível político. Desta feita, seria imprudente não pensar na adequada capacitação dos comandantes dos menores escalões da infantaria brasileira.

A análise dos dados do questionário realizado para este trabalho nos leva a entender que existem deficiências importantes a serem tratadas nos cabos do EB. Algumas deficiências precisam ser resolvidas no cotidiano, pela influência dos comandantes diretos ou, até mesmo, por orientação de militares mais antigos, ainda que não diretamente ligados à cadeia de comando do militar.

Entretanto, é de se destacar que, segundo as informações do questionário e em comparação com as informações obtidas pela revisão bibliográfica, os comandantes de esquadra estão recebendo formação militar aquém daquela que lhes é necessária. O fato de que em muitas ocasiões os cabos apresentam pouca diferença de capacidade em comparação a um soldado ou a sua possível incapacidade para gerir o GC na ausência do Sgt são alarmantes e colocam em questão a qualidade da formação que recebem.

Além disso, os Programas-Padrão de instrução dos CFC estão sobretudo desatualizados, sobretudo se o pleito do EB é de ser inserir integralmente no escopo das operações de convergência. Para isto, será necessária uma melhoria da capacidade individual dos cabos, de sua capacidade de comandar e, ainda, de sua capacidade de assessorar dentro de seu nível.

Para tal, parece fundamental que haja uma atualização do PP do CFC. O primeiro passo seria diferenciar a parte conceitual que é ministrada ao futuro cabo daquilo que é ministrado ao soldado. Pelas demandas que receberá, o cabo, naturalmente, deve ter capacitação superior à do soldado.

Mais especificamente, o novo PP precisará contemplar assuntos como o emprego tático da esquadrada e do GC, liderança, topografia em nível mais avançado (incluindo ferramentas digitais), primeiros socorros em combate, elevada capacidade de comunicações por meios tecnológicos, entendimento mais aprofundado de inteligência militar e domínio de técnicas avançadas de lutas.

Ademais, embora indiretamente relacionados com o combate, poderão ser abordados assuntos que capacitarão o cabo a ter um entendimento mais completo do ambiente que envolve as ações de combate e as relações humanas, com os diversos interesses em jogo. Assunto como operações de cooperação e coordenação com agências, interação com a mídia, direito doméstico e internacional, história militar brasileira e do mundo (com foco em experiências

recentes e no nível tático), psicologia, dentre outros podem incrementar a formação destes profissionais.

A inevitabilidade de implementar mudanças é uma realidade. A complexidade do campo de batalha associada à necessidade de aperfeiçoamento de meios, tecnologia e pessoal é uma imposição para os exércitos que querem seguir na modernidade. Negligenciar as transformações ou demorar a acompanhar seu ritmo pode impor o preço da obsolescência às Forças mais tradicionais.

A fim de que não se torne uma Força incapaz de fazer frente aos desafios vindouros, é imperativo que o Exército Brasileiro volte sua atenção ao aprimoramento da formação dos elementos que comandam as frações mais elementares da infantaria brasileira, permitindo que colaborem com o cumprimento da missão de suas frações enquadrantes, entendendo o contexto no qual se inserem.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 1. Ed. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. Exército. **EB20-MF-07.101: Conceito operacional do Exército Brasileiro: Operações de Convergência 2040**. 1. Ed., Brasília, DF, 2023.

BRASIL. Exército. **EB20-MF-10.102: Doutrina Militar Terrestre**. 2. Ed., Brasília, DF, 2019.

_____. _____. **EB70-PP-11.012: Programa-padrão de instrução de qualificação do cabo e do soldado - Instrução de Garantia da Lei e da Ordem e instrução comum**. 2. Ed., Brasília, DF, 2019.

_____. _____. **EB70-PP-11.170: Programa-padrão de instrução de qualificação do cabo e do soldado de Infantaria**. Ed. Expr., Brasília, DF, 2023.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6 Ed. São Paulo, SP: Editora Atlas, 2008.

HOLMES, J.R. **The Strategic Corporal's Evil Twin**. Disponível em: <<http://thediplomat.com/2012/03/the-strategic-corporals-evil-twin/>> Acesso em 21 de maio de 2014.

KOHN, K. et al. **O impacto das novas tecnologias na sociedade: conceitos e características da Sociedade da Informação e da Sociedade Digital**. 3º Intercom Junior, 30º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos, São Paulo, 2007.

KRULAK, C.C. **The Strategic Corporal: Leadership in the Three Block War**. Disponível em: <<https://apps.dtic.mil/sti/pdfs/ADA399413.pdf>> Acesso em 26 de fevereiro de 2024.

LAKATOS, E.M; MARCONI, M. **Metodologia do Trabalho Científico**. 9 Ed. São Paulo, SP: Editora Atlas, 2021.

LIND, W.S. Compreendendo a guerra de quarta geração. **Military Review**, v. 85, n.1, p. 12-17, 2005.

MENDES, C.A.K. Considerações sobre a Força de Pacificação empregada no Rio de Janeiro. **Military Review**, v. 67, n.4, p. 19-27, 2012.

MOTA, R.M. **Gestão da inovação e transformação do Exército**. [Tese de Doutorado]. Curso de Comando e Estado-Maior, ECEME, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SOUZA JUNIOR, F. C. **A importância da atualização da formação dos cabos de infantaria para sua participação em conflitos no século XXI**. 2018. 34 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ciências Militares) – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2018.

STRINGER, K.D. Formação do Cabo Para o Desempenho de Atividades Estratégicas (“O Cabo Estratégico”): Uma Mudança de Paradigma. **Military Review**, v. 90, n. 1, p. 2-12, 2010.

SZEPESY, J.E. **The Strategic Corporal and The Emerging Battlefield: The Nexus Between The USMC’s Three Block War Concept And Network Centric Warfare**. [Dissertação de Mestrado]. The Fletcher School, Tufts University, Medford, Massachusetts, 2005.

VISACRO, A. O desafio da transformação. **Military Review**, v. 66, n.2, p. 46-55, 2011.

WILSON, C. Embracing the Future of a Multidomain Army. **NCO Journal**, p. 1-6, 2022.

ANEXO A – QUESTIONÁRIO

QUESTIONÁRIO SOBRE A FORMAÇÃO DOS CABOS DE INFANTARIA DO EXÉRCITO BRASILEIRO

Este questionário servirá para subsidiar o estudo desenvolvido pelo Maj Inf FERNANDO CESAR DE **SOUZA JUNIOR** no TCC da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME) intitulado "Cabos estratégicos nas Operações de Convergência: A formação dos comandantes das pequenas frações no combate moderno".

A definição de **combate moderno** é abrangente e não é definitiva. Muitos autores falam a respeito e se complementam ou, até mesmo, se contrapõem. De maneira sumária, para responder o questionário, importa apenas reconhecer o **ambiente altamente complexo**, dominado pelo **avanço tecnológico**, a **descentralização das ações militares** nos diversos níveis e a **incerteza**, que já é natural em ambientes conflitivos.

O conceito de "**Cabo Estratégico**", cunhado pelo general norte-americano Charles Krulak, aponta para um militar que tem a capacidade de, conforme suas ações, **colaborar ou arruinar uma operação militar**, com **reflexos** que podem atingir até os **níveis estratégico ou político**. Por isso, o general chama a atenção para a **preparação adequada dos cabos** para sua atuação no combate moderno.

1. Qual é o posto ou graduação do senhor? _____
2. Qual é a importância que o senhor atribui à atuação do cabo de infantaria no combate moderno, a fim de colaborar com o atingimento do objetivo de suas frações enquadrantes?
 - a. Decisiva
 - b. Importante
 - c. Pouco importante
 - d. Irrelevante
3. "O cabo de infantaria deve estar em condições de substituir seu Cmt Gp numa situação de combate." Quanto a essa assertiva, o senhor entende que os cabos de infantaria tem as capacidades mínimas para substituir o 3º Sgt numa situação de combate?
 - a. Sim
 - b. Em partes
 - c. Não

4. Caso o senhor deseje, explique abaixo o motivo de sua escolha no quesito anterior. _____
5. O senhor já teve contato direto ou indireto com a formação dos cabos de infantaria?
- Sim
 - Não
6. A carga de assuntos ministrados no Curso de Formação de Soldados (CFSd) e no Curso de Formação de Cabos (CFC) é idêntica, sendo os cursos regulados pelo mesmo Programa-Padrão. Levando em consideração as funções de cada um dos militares, qual é o nível de relevância que o senhor atribui à diferenciação dos conteúdos ministrados aos cursos?
- Muito relevante
 - Relevante
 - Pouco relevante
 - Irrelevante
7. Quais são as capacidades, habilidades e conhecimentos que o senhor julga mais importantes que o cabo de infantaria adquira durante seu curso de formação, a fim de distingui-lo do soldado e torná-lo um militar apto a exercer suas funções peculiares em um cenário de combate moderno? (Marque todas as que julgar relevantes. Adicione abaixo o que considerar oportuno.)
- Comunicações (até ligar-se com o Btl)
 - Conduta com a presença de agências de mídia
 - Emprego tático do GC
 - História Militar (estudo de casos recentes)
 - História Militar brasileira
 - Informática
 - Inteligência Militar
 - Liderança
 - Logística (até o nível da SU)
 - Lutas (autodefesa e defesa de terceiros, imobilização de ameaças, utilização de armas brancas e uso de algemas)
 - Noções de DIH/DICA
 - Noções de Direito
 - Noções de Psicologia
 - Operações de Cooperação e Coordenação com Agências (OCCA)
 - Primeiros Socorros
 - Topografia e cartografia (com meios digitais)
 - Outros: _____

8. Pela observação feita pelo senhor em sua experiência no corpo de tropa, em que nível o cabo de infantaria se distingue do soldado, nas diversas situações do cotidiano na OM e em atividades operacionais, levando em conta aspectos atitudinais e da área afetiva?
- a. Totalmente distintos
 - b. Distintos
 - c. Pouco distintos
 - d. Não há distinção
9. Caso o senhor queira colaborar com mais alguma informação, fique a vontade para registrar no espaço abaixo.
